

A deambulação nos espaços de Cora e no espaço em processo

The ambulation in the spaces of Cora and the space in a process

Agda Carvalho¹

Resumo

O texto traz a discussão das possibilidades da deambulação motivada pela memória, que é disparada pela vivência espacial no encontro circunstancial e subjetivo de um determinado contexto social, cultural e político. Enfoca-se a emergência da experiência, estimulada pelas histórias e a essência de um viver, sinalizado pela poesia de Cora Coralina, que revela a existência de uma potência no espaço entre os becos da cidade de Goiás, assim como explicita a intensidade das ausências, que ainda apresentam tantas histórias. A pesquisa discorre sobre os espaços de Cora e o espaço como multiplicidade (MASSEY, 2008), já que está o cotidiano está constantemente em processo e acolhe diferentes percursos e narrativas. (CARERI, 2013). Este percurso trata das relações imagéticas e sonoras que são disparadas no cruzamento da memória e que estimula a construção de narrativas durante a experiência.

Palavras-chave: deambulação, Cora Coralina, memória, experiência.

Abstract

The text brings up the discussion of the possibilities of memory-driven ambulation, which is triggered by spatial experience in the circumstantial and subjective encounter of a particular social, cultural and political context. The emergence of experience, stimulated by the stories and the essence of a living, is signaled by the poetry of Cora Coralina, which reveals the existence of a power in the space between the alleys of the city of Goiás, as well as the intensity of absences, who still have so many stories. The research deals with the spaces of Cora and space as multiplicity (MASSEY, 2008), since the daily life is constantly in process and receives different paths and narratives. (CARERI, 2013). This course deals with the imagery and sound relations that are triggered in the crossing of memory and that stimulates the construction of narratives during the experience

Keywords: ambulation, Cora Coralina, memory, experience.

Introdução

Os distintos contextos apresentam uma dinâmica social, cultural e política que despertam a proliferação de uma variedade de histórias e desencadeiam a intensificação das transformações das práticas cotidianas. Como resultado desta reorganização contínua moldam-se comportamentos, e consequentemente as tradições de um lugar, as crenças e as tonalidades emotivas que caracterizam

¹ Agda Carvalho, Artista Visual, docente do Programa de Pós Graduação em Mestrado e Doutorado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Pós doutoranda em Humanidades Digitais – MediaLab – UFG. Pós doutora Artes Unesp; Doutora em Ciências da Comunicação (ECA – USP), Mestre em Artes Visuais (Unesp). Líder do Grupo de Pesquisa: Design e Corpo: Abordagens Projetuais na Arte e Moda (Universidade Anhembi Morumbi). Membro do GIIP: (UNESP). E-mail: agdarcarvalho@gmail.com

as circunstâncias e subjetividades que apresentam a essência de um povo e o modo de viver de um único indivíduo. Durante as conexões que são estabelecidas entre os diferentes espaços, ocorre a demarcação dos rastros de uma vivência, por meio de registros textuais e do exercício da oralidade.

Esta condição pode conformar uma história que se recompõe com variações e combinações dos dados sonoros, visuais e textuais que caracterizam os vestígios de um tempo e espaço, ou seja, as histórias da história. Este texto apresenta um trajeto que se inicia com o projeto Deambulações: vejo aquilo que escuto e escuto aquilo que vejo² com uma abordagem que articula com as histórias da cidade de Goiás, fundada em 1736, também conhecida como Goiás Velho, por meio da produção de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a poetisa Cora Coralina (1889 – 1985). Parte-se inicialmente da sua primeira publicação: Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de 1965.

Esta investigação trata do entendimento das histórias de Cora Coralina com uma abordagem teórica e com o início de um processo de criação prática. A proposição tem como intenção a compreensão das imagens e sons que emanam dos detalhes da cidade de Goiás, e que ainda permanecem nos cantos, nas cores das casas, nos sussuros dos lugares, na insistência das mesmas histórias contadas, no rolar de uma pedra, no cheiro dos quintais, na irregularidade do calçamento, na experiência que se revela no encontro com o espaço.

Apresenta-se aqui a primeira aproximação com os espaços de Cora e a reflexão do espaço como um processo aberto e da multiplicidade, já que, busca-se a vivência dos espaços de Goiás Velho a partir dos relatos da poetisa. Ou seja, o sentido do que já passou entrecruzado com o que está por vir, como um acontecimento perceptivo e vivencial. Para tanto, observa-se os rastros e a ausência como um ato de resistência, como aponta Benjamin “A verdadeira imagem do passado passa voando. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade”(2012, p.243). E ainda, recombinar estes elementos ao perseguir as origens, a memória e a essência do espaços.

Para tanto, as histórias serão relatadas com o percurso e despertadas com a provocação dos sentidos, com o inesperado encontro dos rastros por meio da deambulação. Para Careri (2013. p.31)

Com o termo “percurso” indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa).

O projeto mergulha no percurso narrativo de Cora, que estimula a vivência de possíveis mapeamentos sensoriais dos espaços da cidade de Goiás, das lembranças dos becos, que ainda exalam aromas desta existência adocicada. “ Articular com o passado não significa conhecê-lo “ tal como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma recordação como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN,2012, p.243). Considera-se nesta reflexão a compreensão inicial dos espaços de Cora e a proposta de situações/ações que proporcionem a experiência com a captura dos ecos do passado, ou ainda, o desvelar das pulsações de um instante, para então disparar a provocação do que já foi vivido, e neste momento, conectar-se com o agora de cada caminhante ao elaborar narrativas.

² Projeto de Pós-doutorado que está em desenvolvimento no Media Lab /UFG, na área de Humanidades Digitais, com a supervisão do Prof. Dr.Cleomar Rocha.

Espaços de Cora

O envolvimento com o universo de Cora Coralina propõe visitar as palavras que organizam os relatos dos becos de sua cidade natal. A narrativa de uma mulher madura que enfrenta o sistema instalado nos espaços da sua juventude. Cora Coralina distancia-se das origens com o casamento e inicia a prática de outros lugares e o desenvolvimento de outras histórias, uma situação que estabelece um intervalo que se prolonga de 1911 ao seu retorno para a casa de Goiás em 1956. Sozinha, sem a companhia dos filhos, netos e bisnetos, mas com a vontade de resgatar suas memórias (BRITO, 2011). Para Cora é vital vivenciar a organização da cidade para a compreensão das relações que se estabeleceram entre as práticas cotidianas, as normas sociais e as manias de um tempo, e que no seu retorno aparecem emaranhadas entre as diferentes cores e sonoridades dos becos de Goiás.

Penetra dentro da meia ou do livro, com cuidado mas sem respeito exagerado, não para descobrir uma mensagem misteriosa e sagrada, mas para experimentar, para tocar de perto, para seguir com o dedo os contornos desta arquitetura íntima que une o fora e o dentro, o som e o sentido, o significante e o significado (GARBER, GAGNEBIN, 1998, p. 47).

Esta condição “entre” que promove o espaço, enfatiza a possibilidade de estimular a memória na relação com os detalhes, com as minúcias podem disparar o entendimento das ausências como uma epifania. Neste sentido a deambulação estabelece conexões com o entorno ao construir narrativas com o caminhar.

Na articulação espacial pode acontecer a vivência dos vestígios de uma existência, é o momento da manifestação do sentido de viver de um tempo. “Dito em outras palavras, sem a presença do vazio, sem a presença da ausência, não poderia ter esse jogo de significação que constitui a cultura.” (GARBER, GAGNEBIN, 1998, p. 47) Ou seja, as distintas situações que podem se apresentar com a deambulação, estabelecem conexões com o meio circundante e despertam reações subjetivas durante a vivência espacial.

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco. [...]
(CORALINA, 1993, p. 103–106)

Os espaços de Cora, se encontram na ressonância das palavras que resgatam um tempo e provocam a possibilidade sensória do organismo, ao apresentar o entrecruzamento da pluralidade de acontecimentos do passado com o enfrentamento da imprevisibilidade do cenário cotidiano da cidade. Todos os fatos e histórias se misturam e no relato da poetisa traz a vida que pulsa nos becos de Goiás.

Espaço em processo

O espaço está continuamente em processo, não demarca os limites físicos, mas sinaliza uma possível existência, e esta situação apresenta um vir a ser com a experiência, ou ainda, pode evidenciar o sentido de estar no mundo. Enfoca-se o sentido da ausência com a manifestação de subjetividades e as variações cognitivas de um viver. Entre as ausências do passado entrecruzam-se as minúcias e os detalhes circunstanciais, enquanto os rastros sinalizam as marcas da ocupação de um tempo passado, o presente reorganiza os diversos dados e o comportamento durante o acontecimento perceptivo.

A experiência expõe o sentido da subjetividade corpórea quando em colisão com a diversidade do sentir e do viver. Neste processo, revela as incertezas e complexidades de um espaço ao tratar da coexistência e das dinâmicas enquanto está em uso, ou seja, o espaço praticado (CERTEAU, 2013). A conexão com o espaço é o evento disparador, em que as condições sensorio-cognitivas ocasionam a eclosão da interação, com a multiplicidade de soluções e suas interligações.

Finalmente, e precisamente **porque** o espaço é o produto de relações-entre, relações que são práticas materiais necessariamente embutidas **que precisam ser efetivadas**, ele está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito - nunca está finalizado, nunca se encontra fechado. (MASSEY, KEINES, 2004, p.8)

O projeto deambulações: vejo aquilo que escuto e escuto aquilo que vejo, propõe a articulação com os dados do passado e com o sentido da ausência nos lugares de Cora, ou seja, a não presença física, que apresenta uma potência nas histórias propagadas no tempo. O encontro de Cora dispara a recombinação dos sentidos corpóreos, pois trata daquilo que vejo, e ao mesmo tempo está estimulado pelas diversas sonoridades de uma cidade. Neste sentido, busca a conexão imagética entre os diálogos possíveis com os moradores, ou entre os transeuntes e suas caminhadas pelos becos, ou seja, a variedade de ruídos que nos rodeiam e que compõem as representações de um lugar. Pois o acontecimento vivenciado é uma situação em que “a percepção não está simplesmente embutida e confinada no mundo ao redor; ela também contribui para a enacção desse mundo ao redor” (Varela, 2003, p.80). Mas também, está atento para o resgata da sonoridade que ecoa da relação com os objetos e com o lugar, que estão impregnados nas cores e texturas das paredes, conectados com os caminhos e suas imprevisibilidades e com os estímulos diversos que integram a deambulação.

Direcionar-se ou orientar-se é mais do que **compreender** o que dizem os espaços e lugares do mundo. É também interpretar seus marcos - sejam estes simples placas sinalizadoras, monumentos arquitetônicos ou lugares sagrados - e descobrir o “para onde” de seus caminhos. (SARAMAGO, 2008, p. 101- 102)

A pesquisa propõe o desenvolvimento de intervenções artísticas, que estão articuladas com os diversos dados que proporcionam o vivenciar dos fragmentos das histórias de Cora Coralina. Já

que o espaço se reorganiza e se amplia em significações com a interação. Um espaço que se abre como um evento para cada caminhante.

O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, KEINES, 2004, p.8)

Conta-se com o acaso e a imprevisibilidade da memória e das histórias de cada corpo em deambulação, para a emergência da experiência, durante as passagens pelos becos da cidade de Goiás, quando se revela o acontecimento com o ato de caminhar.

Considerações

Considera-se neste texto a reflexão dos espaços de Cora Coralina e dos espaços como multiplicidade. Um processo em que a experiência está articulada com o percurso e suas narrativas, com o resgate de elementos do passado no presente e com o vislumbre de uma atitude relacional com o mundo e as coisas. Como desdobramento esta pesquisa terá continuidade com a captura de dados geográficos, ou seja, a georeferenciação para a concepção de possíveis percursos. Além da vivência espacial, o registro imagético e o desenvolvimento projetual da proposição prática na cidade de Goiás.

Referências

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e História da Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BRITO, Clovis Carvalho. Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. *Cad. Esp. Fem., Uberlândia/MG*, v. 24, n. 1, p. 185-205, Jan./Jun. 2011.

CARERI, Francesco. *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1993.

DELGADO, Andrea Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. 498p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279866>>. Acesso em 3 março de 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie Verdade e Memória do passado. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, n 17, 1998, p. 214-221. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11147/8178>> Acesso em 08/02/2019.

GARBER, Klaus, GAGNEBIN, Jeanne Marie. Porque o mundo todo nos detalhes do cotidiano? Walter Benjamin (Dossiê). Revista Usp, nº 15, 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25666>> Acesso em 07 /03/2019.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

_____, KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF. V. 6, nº 12 (2004). Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>>. Acesso em 05/03/2019.

SARAMAGO, LIGIA. A topologia do ser: Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Editora Puc/Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2008.

VARELA, Francisco. O reencantamento do concreto. In: O reencantamento do concreto. Núcleo de Estudos da Subjetividade. **Cadernos de Subjetividade**. PUC/SP. São Paulo: Hucitec/EDUC, 2003.